

Uma experiência compartilhada

Por Rejane Coutinho

No início de 2011, o Centro Cultural São Paulo abriu o espaço público para receber e apoiar projetos de artistas/educadores e educadores/artistas das diversas linguagens que se propunham a criar e a desenvolver estratégias de mediação sobre e/ou a partir da arte e do público, através do [Edital de Concurso Projetos de Mediação em Arte](#), uma iniciativa da Divisão de Ação Cultural e Educativa - DACE.

No contexto das ações educativas das instituições culturais de São Paulo avalio que este edital foi no mínimo uma iniciativa ousada, para não afirmar levemente que tenha sido pioneira, pois não me aprofundei em pesquisa sobre a questão. Sei que algo semelhante aconteceu no edital do [47º Salão de Artes Plásticas de Pernambuco de 2008](#)¹ que incluiu entre as categorias cinco prêmios de fomento e intercâmbio em arte/educação.

Sabemos que em geral os programas educativos das instituições culturais operam de forma centralizadora. Os responsáveis pela coordenação desses programas elaboram projetos e estratégias que são colocadas em prática pelos educadores da instituição ou por educadores contratados temporariamente. É verdade que algumas instituições contam com a participação de seus educadores na elaboração e desenvolvimento de estratégias que via de regra passam pelo crivo de seus superiores e são absorvidas pelos programas ou projetos, deixando de lado a autoria e, portanto, desempoderando quem as pensa desde a base.

¹ Os cinco projetos premiados no 47º Salão de Artes Plásticas de Pernambuco sofreram dificuldades de viabilização por questões operacionais e políticas, entretanto, [o edital do 48º Salão de 2011/2012](#) mantém a premiação da categoria.

Daí que, abrir um edital público em que qualquer artista e/ou educador qualificado pode apresentar seu projeto é algo que merece nossa atenção. O edital pressupunha que os cinco projetos selecionados, avaliados por suas qualidades e viabilidade, seriam apoiados e postos em prática pelos próprios proponentes. Uma iniciativa de cunho mais democrático que além de abrir reais possibilidades de viabilizar experimentações, também estimula a produção de ideias através do incentivo à elaboração de projetos na interseção dos campos da arte e da educação. Um edital que merece entrar na pauta regular dos editais do CCSP, ainda que o texto precise de alguns ajustes, visto que não se tinha muita clareza do teor e alcance dos projetos em sua primeira edição.

Mas não pretendo escrever este texto apenas para louvar a iniciativa, antes gostaria de relatar e junto refletir sobre minha participação neste processo. Contar um pouco da experiência, da responsabilidade, das partilhas, do aprendizado, de minha participação na comissão de seleção do edital.

O processo de seleção

Quando recebi os pacotes com os projetos senti um misto de curiosidade e receio. Quando abri e comecei a folhear senti logo o peso da responsabilidade. A primeira leitura foi individual. Cada membro da comissão deveria chegar à primeira reunião com uma posição inicial sobre cada projeto. Um trabalho solitário em que me vi diante de muitas dúvidas. Os projetos apontavam para diversas possibilidades de ações de mediação, alguns com tons mais poéticos, outros com maior ênfase em aspectos educativos. Alguns eram mais objetivos, outros se perdiam em divagações e não chegavam a aclarar uma proposta, difíceis de deixar identificar um sentido. Li e reli alguns mais complexos. Várias vezes parei para

tentar compreender qual conceito de mediação pautava aquela proposta em particular e comecei a dar voltas em torno do tema, tentando cercá-lo, tentando entendê-lo. Buscando delimitar algo que *por natureza é fluido*, um campo em suspensão, uma ação que se estabelece entre sujeitos e coisas, que pressupõe antes se aclarar o contexto - o chão que os sujeitos pisam e onde as coisas repousam - para que as ações se configurem no espaço da mediação.

Pois sim, a questão da mediação pode ser entendida sob diferentes pontos de vista e diferentes abordagens que tento identificar aqui como um exercício de análise.

Do campo da educação, numa perspectiva construtivista, vem uma ampla ideia de mediação relacionada à *própria ação do educador como propositor de situações de aprendizagem*. Alguns projetos pareciam se apoiar nesta ideia sem entretanto evidenciar tal pressuposto.

Da perspectiva da arte/educação, no contexto brasileiro do ensino não formal, mediação pode estar fortemente associada à ideia de *tradução de conhecimentos artísticos* para visitantes de museus e centros culturais com intuítos diversos como o de aproximar e dar acesso, o de possibilitar a ampliação de repertório ou o de formação de público para as artes. Esta perspectiva em geral parte de um pressuposto que pensa o visitante leigo como incapaz de acessar e compreender por si as produções artísticas, justificando e valorizando o discurso institucional reproduzido pelos educadores e justificando a própria presença dos educadores nas instituições. Alguns projetos apontavam exatamente nesta direção, já outros (poucos) procuravam justamente desconstruir essa ideia prepotente revelando os mecanismos reprodutores, e havia ainda aqueles que

se propunham a ouvir o que tinha a dizer os educadores sobre seus conflitos e os visitantes sobre suas *incapacidades* neste contexto.

Ainda na perspectiva *da mediação como tradução e acesso ao campo da arte e da cultura*, há por tradição uma forte tônica, no âmbito das políticas culturais, na necessidade de *democratização dos bens patrimoniais*, sobretudo quando se trata de uma instituição pública. Muitos projetos tomaram esta vertente, buscando nos arquivos e acervos do CCSP potenciais de disseminação para justificar propostas de mediação. Nestes casos, seria importante evidenciar quais as direcionalidades das ações pretendidas, pois elas poderiam apontar para instâncias de conservação de relações de poder num faz de conta de acesso não acessível, ou, inversamente, apontar para uma transformação de tais relações de poder através de aberturas para apropriação de sentidos dos bens patrimoniais pelos sujeitos implicados na ação, ou apontar em outras direções não vislumbradas aqui. Aliás, vale frisar que a questão da direcionalidade é importante em si mesma para qualquer ação de mediação. Como educadora (de onde falo) preciso pensar sobre ela, a direcionalidade de minhas ações, para poder aproveitar seus movimentos, suas nuances, seus paradoxos.

Voltando ao conceito de mediação, há também o entendimento no campo da arte/educação *da mediação como possibilidade de propiciar vivências ou experiências com a arte*, e aqui há também diferentes matizes, como as iniciativas que privilegiam a essencialidade da própria arte como finalidade da experiência, ou a tônica na possibilidade única de vivenciar uma experiência estética, ou ainda a possibilidade lúdica e prazerosa de viver tal experiência. Outras iniciativas tomam a arte como meio para possibilitar experiências de ordens diversas, como experiências de construção ou reconstrução de identidades, ou experiências com ênfase em

processos de subjetivação, ou ainda as experiências que exploram os sentidos de coletividade ou que estimulam princípios de cidadania. Muitos projetos concorriam nestas direções. Alguns bem alinhados, outros tantos sem clareza de suas próprias intenções e potencialidades.

Já do campo da arte, que se entende hoje como um espaço de *natureza* relacional por aqueles que advogam uma "contemporaneidade", *a mediação poderia ser uma instância intrínseca ao próprio processo artístico* que se efetivaria através de ações mediadas pelas e nas próprias obras. *As viradas educacionais* que se proclamam desde este campo chamam atenção para pensar, refletir, inquirir, investigar esta *necessidade de mediação* que se impôs ao campo da arte nas últimas décadas. Foi por este viés que percebi em alguns projetos de tons poéticos o convite a participação e interação das pessoas na construção de espaços de reflexão que se configurariam em instalações. Assim, a própria ação artística seria ação de mediação.

Compartilhando o processo

As ponderações que faço aqui (acima e abaixo neste texto) são todas fruto de *uma experiência compartilhada*, como nomeei o texto. Outra expressão que qualifica esta minha experiência é a de *feliz coincidência* - quando o clima, as energias, encontros, pessoas, fatos confluem para a configuração de algo produtivo. Pois, andava muito desestimulada a pensar sobre a questão da mediação cultural, ou sobre a educação em espaços culturais, como queiram chamar. Desacreditando da potencialidade de tais ações em direção a algum tipo de transformação, seja social ou individual.

A oportunidade de participar desta comissão, junto com outras oportunidades que tive (estou tendo) confluíram para reanimar meu

desejo de educadora e me entender como aprendiz/mediadora de processos de aprendizagem. Foi um prazer compartilhar as inquietações deste processo com quatro pessoas comprometidas, generosas e ricas em experiências.

Confrontar pontos de vista, defender ideias, saber ouvir, ponderar, rever posições. Aprender com os outros. Assim a comissão trabalhou para chegar à lista dos cinco projetos selecionados, apostando nos potenciais e nas fragilidades de cada um deles. É importante situar que a equipe da DACE do CCSP, de forma comprometida, acompanhou todo o desenrolar dos projetos, as adequações e mudanças de rota, e nós, convidados externos da comissão, deveríamos acompanhar os projetos em ação e participar de algumas reuniões de avaliação, assim como nos comprometemos a escrever um texto reflexivo ao final do processo.

...

Da primeira reunião de avaliação do processo da qual participei, ficou como questão de uma pauta oculta a ideia que Clara, uma das educadoras do CCSP, revelou em um comentário, que transcrevo a partir de minhas anotações: *... na prática de mediação normal, o mediador tem o domínio da situação e nestas experiências os mediadores não têm domínio do que vai acontecer.*

A prática de mediação normal que Clara comenta revela a rotina da mediação que vemos cotidianamente nos museus e centros culturais. Uma mediação sem surpresas, com discursos já prontos, com perguntas já respondidas por quem as formula, com diálogos predefinidos. Uma mediação que pensa *o quê* os visitantes devem pensar, mas que não tem nenhuma garantia de que eles realmente chegam a pensar o *quê* se quer que eles pensem, nem se sabe o *quê* realmente se passa porque não há espaço para se ouvir outras palavras.

As *experiências* em questão que estavam sendo postas na mesa nessa reunião caminhavam sem direção, rumo ao desconhecido, ao imprevisível dos processos de conhecer o mundo. E os mediadores não poderiam ter domínio do que iria acontecer. As brechas que essas experiências abriam no contexto da dinâmica de um centro cultural poderiam ser fonte de reflexão e aprendizagem para mim, para Clara e outras e outros educadores.

Mediações em movimento²

Cheguei ao CCSP no final de uma manhã de uma terça-feira para observar o andamento de alguns projetos de mediação. Cheguei cansada, minha vida estava uma correria, pois viajaria dali a três dias. Mas precisava ver o movimento dos projetos, era parte da tarefa, um compromisso. Estava cansada, mas atenta, pisando leve. Queria descobrir os indícios das mediações sem procurar informações. Havia consultado os horários no site e sabia que encontraria ao menos três propostas em ação.

Me dirigi aos espaços de exposição, quem sabe ali encontraria algum indício. Ingenuidade minha, ou hábito de associar mediação com exposição. Não encontrei nada, nada mesmo. Havia uma exposição sim, mas o espaço estava totalmente vazio, nenhum ser humano além de mim, nenhum indício de ação de mediação. Percorri rapidamente a *Geometria do Espaço Infinito*³ me sentindo totalmente desamparada no finito daquele espaço frio. Lembro pouco das obras expostas, de algumas, mas guardo a sensação de caminhar sozinha pelo vazio.

² Escrito 49 dias depois e bem longe da cena.

³ Geometria do Espaço Infinito era o nome da exposição em cartaz no CCSP naquela ocasião.

É impressionante como as instituições culturais insistem na ideia do cubo branco! Pensei. E é impressionante como este espaço expositivo difere dos demais espaços do CCSP. Ali não havia vida, nos outros, burburinhos de gente, passantes, frequentadores assíduos ou ocasionais, estudantes, pesquisadores, aproveitadores de wi-fi, gente que vem esticar o corpo no ócio das aposentadorias, gente que vem comer barato na cantina, gente jovem que vem aproveitar o chão liso para ensaiar passos de dança.

Entretanto, não havia ninguém no espaço expositivo naquela hora, já perto do meio dia.

Pensei. Aparentemente a prática de exposição ao moldes do cubo branco parece estar em desacordo com as práticas de circulação de produções artísticas e culturais do lado do burburinho de gente. Mas não é isso. Uma coisa justifica a outra, o espaço vazio está para o espaço cheio, assim como este está para aquele, cada qual no seu lugar. Se lá está vazio é porque tem pouca gente especializada em partilhar o vazio. Se o outro está cheio é porque tem muita gente querendo compartilhar um quinhão da cultura que lhes cabe para talvez aliviar as mazelas do dia.

Já estava me perdendo nos devaneios das *partilhas do sensível*⁴, quando me deparei com o [Recolhedor de bocados](#) parado num canto, ao lado da entrada da rampa da biblioteca. Digo parado porque não tinha mediador neste momento, o carrinho/módulo estava ali estacionado junto a muitos *bocados* pendurados, dispostos pelo chão, naquele canto quadrado. Fiquei feliz com esse encontro de pedaços de vida, de histórias escritas, de coisas inusitadas precariamente suspensas, numa suspensão silenciosa.

⁴ Ranciére, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. São Paulo: Ed. 34, 2005.

Fiquei por ali um tempo, olhando os *bocados*, investigando, lendo as histórias, pensando nas pessoas que levam estas coisas dentro das bolsas ou sacolas para um centro cultural. Havia um tênis velho, um pé só, que tinha caminhado bastante com seu dono, dizia a notação. Uma calça comprida masculina pendurada. Um velho aparelho de som que o filho havia quebrado e o pai com desgosto deixou ali. Quem sabe alguém se interesse em trocar? Muitas coisas pequenas, cartão usado de metro, alfinete, clips, isqueiro, pente, coisas de bolsa de mulher!

AH! Esqueci de trazer uma máquina fotográfica, esqueci inclusive de meu celular! Deu vontade de fotografar, seria mais fácil mostrar uma imagem do que ficar aqui tentando fazer o leitor entender o que eu estava vendo e experimentando.

Dá para imaginar tudo isso pendurado em fios, um tanto emaranhado, mas com certa ordem? Os fios estavam presos nas traves metálicas da iluminação. O espaço tinha cerca de quatro por quatro metros. Dava para andar entre os *bocados* e observar de perto. Foi o que fiz.

Depois me sentei ao lado no banco de uma instalação do projeto *Paradas do Movimento: Videopoéticas* (estavam assim lado a lado as instalações, mas não se confundiam). Sentei porque queria anotar o que pensava, queria preservar algumas ideias e sensações que agora me ajudam a recompor este momento.

....

Na passagem pelo jardim interno da grande entrada do Centro Cultural, me encontrei com uma moça que carregava um artefato desmontado onde se via escrito *Troco Simpatia*. Nos olhamos, paramos, porque nos reconhecemos. Era o projeto [Linhas de](#)

[encontro](#). Ela me contou que estava recolhendo sua ação, suas *simpatias*, que tinha acontecido naquele dia na entrada do metro. Estava com ar cansado, com certo desânimo e comentou que fora do Centro Cultural é bem mais difícil entabular uma conversa, os transeuntes dificilmente param para satisfazer uma curiosidade, difícil abrir uma brecha na rotina cotidiana. Conversamos sobre a possibilidade de registro daquelas ações. Fotos? Um diário de campo? Ela comentou que tinha o hábito de escrever, de anotar o que se passava, com um cunho pessoal. Me indicou que tinha uma ação acontecendo logo ali adiante. Seguimos nossos caminhos.

....

Logo ali adiante, no amplo espaço do foyer, entre as portas de vidro, estava em ação o [Arquivo Vivo](#). Neste dia, já com longas faixas de papel que ocupavam o chão cruzando todo o espaço do foyer. No centro o carrinho/módulo com alguns materiais e coisas escritas. As faixas de papel também estavam todas desenhadas e escritas, muito pouco espaço em branco, revelando que muita gente já tinha passado, parado e ocupado aqueles espaços.

Tive receio de passar, de explorar, não queria pisar no papel, não havia nenhum percurso. Comecei a explorar em pequenas partes, com breves paradas, lia um pedaço aqui, outro ali. Consegui chegar perto do carrinho, uma mediadora se acercou e me explicou que a proposta era ler a frase do Franz Kafka: "*Certa manhã, ao despertar de sonhos intranquilos, Gregor Samsa encontrou-se em sua cama metamorfoseado num inseto monstruoso...*" e continuar a história, interpretando a seu modo, dando sentido ao texto... e ela se afastou me deixando ali entre aqueles registros.

Procurei um banco para sentar na margem daquela instalação (que nem sei se chamaria de instalação) para observar com mais conforto. Vi algumas pessoas passando, algumas paravam e

procuravam entender, outras seguiam reto, saltando os papéis. Pensei na ideia "da interrupção da lógica do cotidiano" que propõe o projeto, "na potência de espaços alterados" e pensei também na impotência destes recursos por falta de (inter) mediação. Será que o espaço assim configurado pode se converter numa instância de mediação autônoma?

Então, uma senhora leu em voz alta uma das frases escritas: "*o defeito dos outros não deve nos incomodar, mas nos ensinar*". Entabulamos uma conversa de imediato sobre o conteúdo da frase, concordamos que era difícil não se incomodar com os defeitos dos outros, mas era uma sabedoria aprender com eles. Ela também queria saber o que era tudo aquilo. Tentei explicar o pouco que sabia. Comentei da frase de Kafka, indiquei onde estava escrita. Ela seguiu, tinha vindo comprar ingressos para um show.

Mais ao longe percebi que duas moças haviam sentado no chão e estavam desenhando ou escrevendo nos papéis. A mediadora olhava a certa distância. Pensava na fugacidade e fragilidade dos registros, na sutileza do convite a intervenção quando Caio apareceu para explicar melhor tudo aquilo. Ele tinha me visto chegar, mas estava conversando com a professora Maria Lúcia Pupo que seria interlocutora de seu projeto na conversa que aconteceria dali a 3 dias, exatamente no dia de minha viagem.

Caio explicou que aquelas longas faixas de papel foram preenchidas aos poucos por grupos de visitantes agendados que participavam de uma dinâmica. Crianças, jovens, adultos. Explicou também que aquela frase fazia parte de uma peça de Gerald Thomas, *A Metamorfose*, encenada em 1988. A ideia do *arquivo vivo*.

Sim, mas o que faziam com todos aqueles registros? Perguntei.

Explicou que estavam sendo também registrados. Parte fotografada pelos próprios participantes, que escolhiam um recorte para fotografar, e outra parte por eles, os mediadores. A ideia era compartilhar estas imagens em um blog. Algo como, reinvenções desarquivadas.

Caio me falou também das outras estratégias criadas para desarquivar conteúdos, para mobilizar ideias, para iluminar textos. Uma delas acontecia na própria biblioteca, dentro de um *arquivo vivo*, usando livros, autores, temas provocados por um texto teatral selecionado e posto em movimento por eles, mediadores, através de uma estratégia. Os indícios estavam expostos em uma estante na biblioteca como exemplo de escolhas e relações de um grupo de pessoas a partir de estímulos de mediadores. Esta estratégia estava surtindo efeitos, disse ele, mobilizando leitores a explorar o acervo e seria absorvida pelos educadores do CCSP.

...

Quando fui almoçar encontrei o outro Cayo, o Honorato, do projeto [*Mediação como \[prática documentária\]*](#). Que sorte! Ele estava lendo um livro de Rui Mesquita, interlocutor de seu projeto no próximo encontro de sexta-feira. Muito rica a ideia de convidar observadores externos, escolhidos pelos próprios mediadores para dialogar sobre o andamento dos projetos.

Cayo me contou que havia experimentado uma leitura performática a partir do texto da transcrição de uma das entrevistas com frequentadores do Centro Cultural. Estava excitado com a ideia de dar corpo, voz e espaço ao discurso dos frequentadores.

Contou sobre o ritmo do grupo de estudos, sobre a frequência, sobre a necessidade dos educadores mediadores de um espaço para

articular suas experiências. Um espaço *neutro* para falar do que não podiam falar nas instituições em que trabalhavam. Neutro?

....

De volta ao *Recolhedor de bocados* encontro o Lucas a bordo do módulo, conversando com interessados em conhecer a proposta. Obviamente as 250 moedas de 1 real já haviam sido trocadas faz tempo. Em continuidade ocorria uma troca de *bocados* por *bocados*. Inclusive as trocas seguiam acontecendo mesmo na ausência dos mediadores.

A "coisa" criou vida, como disse Lucas, constituiu-se uma dinâmica de relações em rede além do previsto. A experiência naquele momento acontecia assim: a pessoa se desfazia de algo e a este algo agregava um sentido, um pedaço de sua história, em geral carregada de afeto. Um desapego. Poderia trocar este algo por outro algo de alguém que trazia junto outra história com sentidos e afetos que passavam a fazer parte da sua. Um acolhimento. As sucessivas trocas aconteciam no espaço de uma *instalação*, eram registradas pelos mediadores numa tentativa de rastrear os trânsitos dos objetos afetados de sentidos.

Esta *instalação* teia prene de *bocados* de afetos, revela necessidades prementes de contatos dos seres que transitam pelo Centro Cultural. Necessidades mediadas e canalizadas por uma ação poética sutil e precária. A *instalação* articula e possibilita as experiências das pessoas que se dispõem a entrar no jogo de trocas de *bocados*.

Não sei o fim que teve este emaranhado processo. Se conseguiram voltar a ideia original do projeto quando se pretendia trocar de volta os *bocados* por moedas de 1 real, ou se a "coisa" fez a ação tomar outro rumo.

Presenciei um estado de suspensão de relações mediadas por pessoas e objetos, rastros de experiências vividas e compartilhadas.